

Rafael Delcourt
Renato Pirani Ghilardi
organizadores



CRÔNiCAS DA PALEONTOLOGiA BRASiLeiRA





Setembrino Petri

ASSim FOi... ASSim é...

Em uma tarde de sol, em pleno inverno, estava lendo tranquilo na minha poltrona preferida quando recebi um convite de um colega, Renato Ghilardi, para escrever algum aspecto dos bastidores da minha vida acadêmica. Claro que tenho muitas histórias, afinal são 77 anos trabalhando. O difícil é escolher a história que eu gostaria de contar. As histórias que eu mais gosto já estão publicadas em *Setembrino Petri: do Proterozoico ao Holoceno*, livro organizado por meus colegas em minha homenagem. Fiquei pensativo... Em alguns momentos percebia o prazer vindo de um convite tão inesperado e,

em outros, não sabia como escreveria algo não científico para publicar. Primeira vez na vida seria posto de frente a um papel sem pensar de forma acadêmica. Mas, para sempre, enquanto vivemos, há uma primeira vez! Desafiado nesta aventura não geológica, fui dormir. Sonhei que chegava ao Estado do Paraná, onde fiz meu doutorado. A lembrança dos campos de araucárias, trazida de volta em sonho, me conduziu a uma viagem pelo tempo. Em alguns minutos dos meus 98 anos, vivi de novo os meus 23 anos.

Estava em 1945.

Havia me formado na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras em 1944. O clima tenso dos últimos dias da Segunda Guerra Mundial tingia o nosso cotidiano de uma aura de preocupação, trazendo profundas incógnitas sobre o futuro; éramos ocupados por um senso de responsabilidade, talvez pesado demais para a nossa idade. Na época, havia em média 10 alunos em cada classe. Não havia espaço para reclamações, intrigas ou preguiça, pois compartilhávamos um sentimento comum em iniciar a história da geologia no Brasil. Nossa história profissional em comunhão com a história da USP nos enchia de emoção e de coragem, estreitando os nossos laços de amizade. Meus colegas e amigos desta época ainda estão comigo nos meus pensamentos mais recônditos. Quando os mais festeiros queriam organizar algum evento social, era necessário convidar a USP inteira para que atingíssemos algum quórum digno de uma festa; e foi assim que muitos destes meus amigos encontraram suas companheiras de vida.

Enfim, logo que me formei, em janeiro de 1945, fui trabalhar no Instituto Geográfico e Geológico da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Em agosto daquele ano, o Professor Kenneth Edward Caster foi contratado por 3 anos pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para ocupar um lugar que ficou vago quando o Brasil entrou na guerra, tendo como efeito, por razões políticas, o afastamento dos professores italianos. Como Caster precisava de um aluno de geologia recém-formado para orientar em um trabalho de doutorado, Josué de Camargo Mendes, que tinha sido meu professor, mais tarde grande amigo, tornando-se, inclusive, padrinho da minha filha, me indicou. Josué sabia o quanto eu gostava de Paleontologia. Minha primeira experiência em Paleontologia foi ao seu lado em uma viagem para Santa Catarina. Ainda recém-formado, ele, de maneira sagaz e brincalhona, me incitou a curiosidade, falando: — *Tem um depósito do Permiano ali, dê uma esmiuçada para ver se encontra algum fóssil.* Josué não fazia ideia que tinha acabado de cutucar com vara curta a medula por onde desfilava minha mais ardente curiosidade sobre a vida neste planeta... Enquanto discutiam se aquele sedimento vermelho



Cominhotte encalhado
na estrada entre Vila Velha
e Ponta Grossa

Junho 1945

€

era triássico ou não, eu fui certeiro: alimentado pela paixão de um jovem que via na recém iniciada profissão as respostas que buscava para suas inquietações, bati com o martelo em uma rocha e, lá estava, era uma asa de inseto sem igual no mundo! Me entusiasmei tanto que comecei a procurar

freneticamente outros fósseis! Encontrei uns crustáceos! Era o início de tudo. Pouco se sabia da geologia do Brasil, construímos a geologia ali em tempo real, minuto a minuto o mundo se descortinava para mim! Os fósseis, por mim encontrados naquele dia, puseram fim na discussão, pois confirmaram que aquelas camadas não eram as camadas vermelhas mais novas do Triássico, mas sim do Permiano.

E, foi assim e foi por isso que deixei o meu primeiro emprego, comecei o meu doutorado (naquela época, não existia mestrado) e fui contratado como professor de Geociências. Nesta mesma época, eu tinha um colega, o Aziz Ab'Sáber, formado em Geografia e que adorava Geomorfologia. Ele estava para ser contratado na sua área quando soube que o Caster, além de paleontólogo, também se dedicava à geomorfologia. Fui conversar com ele, mas, infelizmente, na Geologia não havia duas vagas. Como eu era formado em Geologia, eu fiquei com a vaga. Aziz, não querendo renunciar a esta oportunidade de estudar geomorfologia por causa de uma burocracia cega ao humano, aceitou ser contratado como jardineiro para ter o seu direito de estudar e de dar aulas sobre o assunto que lhe interessava. Durante os 3 anos nos quais Caster esteve no Brasil, nós três trabalhamos juntos, eu, em Paleontologia, Aziz, em Geomorfologia e, Caster na orientação dos doutorados. Quando Caster voltou para os EUA, Aziz foi contratado em Geomorfologia na Geografia.

Movido por um apetite científico intenso, disposto a aprender tudo o que havia ao meu redor, comecei então o meu doutorado na região do Devoniano do Estado do Paraná. Quando lá cheguei pela primeira vez e, avistei aquelas araucárias imensas, fui engolido pela natureza, passando a existir na grandiosidade daquela paisagem, ocupado, em meus pulmões, pela brisa que lá soprava, atraído pelo verde que gritava aos meus olhos e, agradeci, mais uma vez, ter podido seguir a vida na direção dada pelas minhas paixões... Quando estava para prestar vestibular, na época da Segunda Guerra Mundial, um amigo da família, João Tafner, recomendou-me que fizesse química porque, com as cidades destroçadas pela guerra e com a urgência de uma remodelação das fábricas famosas na Europa, a formação em química seria uma exigência cada vez maior. Mas, essa escolha trairia o meu gosto pela História Natural. Fui criado em Amparo, interior de São Paulo, andando no meio do mato, às vezes descalço, lavando o rosto com a água que brotava da terra, nadando no rio e adorando as rochas que lá despontam majestosamente no alto das montanhas. Pensei diversas vezes em ser zoólogo, depois botânico, quis trabalhar com Cerrados. Hoje me entendo mais de quando menino, os meus desejos de conhecer a Terra

e tudo o que os animais e as plantas pudessem me contar do tempo dos tempos, do tempo, enfim, geológico. Me enchia de prazer estudar os seres mais antigos de aproximadamente 4 bilhões de anos atrás. Quando jovem, eu era muito tímido, passava horas lendo um livro, do qual não me recordo mais o título, mas contava a história de um americano e um inglês que se aventuravam na África, eram naturalistas. Isto me atraia muito mais do que fazer química, não queria trabalhar em uma fábrica de produtos químicos. Fiz o meu caminho...

Dava aulas e, sempre que possível, eu viajava para meu trabalho de campo. No Estado do Paraná fui muito feliz, achava todo mundo muito simpático, as pessoas protegiam a mata fechada, primária, a natureza, assim como os espaços de convivência eram cuidados com muito zelo. Me lembro das minhas noites de sono, quando me entregava a um encontro onírico com a natureza durante toda a noite...

Certa vez, na estrada entre Vila Velha e Ponta Grossa, eu e alguns amigos, entre eles Josué e Reinhard Maack, estávamos analisando a estratigrafia de um corte de uma estrada de rodagem, discutindo, pegando amostras, analisando... Concentrados que estávamos, não nos demos conta de que havia uma viatura encostada nos vigiando. O policial nos repreendeu, falando que não era para a gente ficar cutucando aquele barranco uma vez que ele não era nossa propriedade... Até hoje estou tentando entender o que ele quis dizer...

Enfim, meu caro Renato, o que tenho nos bastidores da minha vida acadêmica são as minhas paixões, criando caminhos de exploração e de descoberta. A vida que se revela na origem do cosmo, na estrutura dos planetas, nos fenômenos geológicos e que, em sua força de natureza, se mostra soberana a tudo e a todos, me impressionou desde criança, conduzindo a direção do meu olhar, determinando minhas escolhas de vida e, plantando uma curiosidade intelectual insaciável... Esta mesma paixão persiste em mim sem idade, prendendo os meus olhos em cada gesto da minha mulher, em cada sorriso dos meus filhos, em cada carinho dos meus netos, em cada gracinha dos meus bisnetos, dando-me força para continuar a produzir ciência e escrever os meus artigos para sempre dentro do meu tempo.